

# A distância das coisas

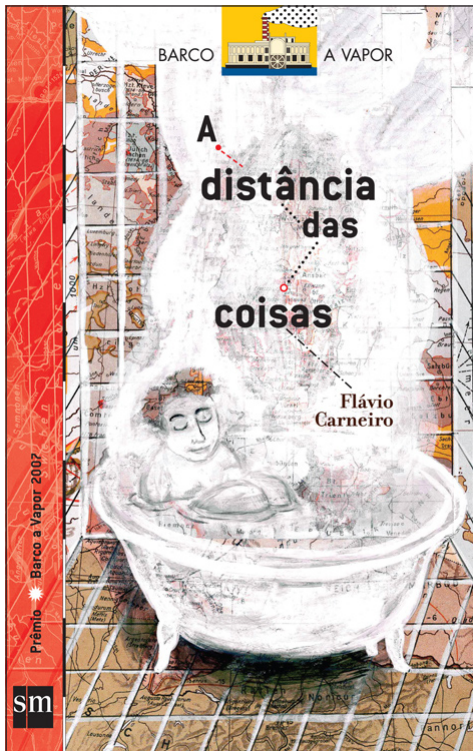
Flávio Carneiro

*Temas* Relação familiar; Perda; Adolescência; Amadurecimento

*Gênero* Relato autobiográfico e narrativa de enigma



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



*Série Vermelha nº 18*  
144 páginas

**O LIVRO** Pedro tem 14 anos e já se coloca muitas questões sobre a vida. Vive com o tio há um ano, desde a perda de sua mãe. Não se lembra do pai, que morreu num acidente de carro quando ele tinha três anos. Esse adolescente solitário começa seu relato a partir do momento em que passa a duvidar da morte da mãe. Seu tio não o deixou ir ao velório, ao enterro e nem sequer permite que ele vá ao cemitério visitar o túmulo. Há na história que lhe contaram um mistério para ser desvendado e uma morte para ser explicada. Com a ajuda da amiga Marina, o desconfiado Pedro sai em busca de respostas e acaba enfrentando situações que influenciarão toda a sua vida.

**O AUTOR** Flávio Carneiro nasceu em Goiânia, em 1962, e mudou-se para o Rio de Janeiro no início da década de 1980. Hoje, mora em Teresópolis, região serrana do estado carioca. Escritor, crítico literário, roteirista e professor de literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), recebeu vários prêmios literários, entre eles o da União Brasileira de Escritores. Com o livro *A distância das coisas*, foi o ganhador do Prêmio Barco a Vapor 2007.



## Mergulhando na temática

### NARRATIVA DE ENIGMA

O gênero narrativa ou romance de enigma pode ser considerado uma das muitas facetas do romance policial. “É um enigma não solucionado, uma vítima, um detetive de raciocínio dedutivo acompanhado muitas vezes de um(a) assistente, suspeito e culpado. O leitor se identifica com o detetive e tenta desvendar o caso junto com ele ou mesmo antes dele” (em *Narrativa de enigma*. Jaqueline Peixoto Barbosa, São Paulo: FTD, 2006). Não é essa exatamente a estrutura da narrativa, a partir do momento em que Pedro decide desvendar o mistério da morte de sua mãe?

Difícil explicar com exatidão por que o romance policial desperta tanto interesse e faz tanto sucesso. Para alguns, essa preferência se deve à curiosidade humana; outros identificam certa atração pelo perigo e pela ação. É possível criar inúmeras tramas a partir de uma fórmula que a princípio parece banal. Importante é observar determinadas características próprias do gênero: um enigma que à primeira vista parece de difícil solução; alguém com a função de desvendar o que aconteceu; o fato de a pessoa encarregada da investigação levantar hipóteses baseadas na observação de pistas, guiando-se pela intuição e pelo raciocínio lógico; a existência de pistas falsas para instigar o leitor. Todos esses elementos estão no relato de Pedro e na investigação que ele faz.

## INTERPRETANDO O TEXTO

Como diz Ingemar, “é preciso comparar para sentir a distância das coisas”. Apesar de tratar de um tema difícil, a perda da mãe, para essa faixa etária, não se trata de uma história triste ou piegas. O livro é uma mistura de **narrativa de enigma** e relato autobiográfico: a vida de Pedro precisa ser decifrada, e para isso é necessário contá-la.

É também uma história construída a partir de muitas outras: verdadeiras sagas de meninos e meninas, relatadas em livros e filmes, que por motivos diferentes perdem os pais e precisam encontrar meios de sobreviver a essas perdas.

Narrado em primeira pessoa, em *A distância das coisas* Pedro compara sua vida com a desses personagens, tentando superar os difíceis momentos de dor e de solidão e, dessa maneira, situar-se na vida, para descobrir a verdade e encontrar a medida e a distância das coisas. Nessa aventura em que o enigma é ele mesmo, esse jovem detetive conta com a ajuda fiel de Marina, uma amiga muito especial. Além disso, nos coloca em contato com Ingemar, Christopher e Chihiro, personagens das histórias que ele nos conta e que colaboram para criar um verdadeiro jogo de espelhos entre o real e o imaginário, entre a verdade e a mentira, questões presentes na vida e na literatura.

### UM DIÁLOGO DE HISTÓRIAS: TODO CONTO CONVERSA COM OUTRO

“É meio triste, mas é muito bonito” (p. 24). É dessa forma que a mãe de Pedro o convida a assistir ao filme *Minha vida de cachorro*. Esse filme retrata muito da vida de nosso narrador: o protagonista Ingemar, menino de aproximadamente 11 anos, também não vive com o pai, que só se sabe que está longe, trabalhando. Quando sua mãe adoece, Ingemar vai viver com seu tio, numa cidadezinha no interior da Suécia. Esse pequeno herói sempre se questiona e faz comparações entre sua vida, a dos outros e os acontecimentos à sua volta. Ele também está numa busca para encontrar as respostas a suas perguntas e a seu sofrimento.

Com Pedro não será diferente. Por desconfiar que há algo não explicado pelo tio sobre a morte de sua mãe – dado que este não permitiu que ele fosse ao enterro e jamais o deixou ir ao cemitério –, Pedro busca respostas e, para isso, compara, escolhe, deduz, examina, age e conclui.

A busca pela verdade sobre a morte da mãe torna-se uma missão, um ritual de passagem entre a infância e a adolescência, uma busca por sua própria história, criando suspense para o leitor. O livro deixa de ser um simples relato para se tornar uma narrativa de enigma, em que é preciso estar atento às pistas. A partir do

### INTERTEXTUALIDADE

Para Koch, reconhecida lingüista brasileira, a intertextualidade, princípio de grande relevância para a construção do sentido, compreende as diversas formas pelas quais a produção/recepção de dado texto depende do conhecimento de outros por parte dos interlocutores. Esse é um dos grandes temas a que se tem dedicado a lingüística textual, pelo fato de esse princípio ser constitutivo de todo e qualquer discurso. Tomada em sentido restrito, a intertextualidade ocorre quando em um texto está inserido outro, denominado intertexto, produzido anteriormente e que faz uso de parte da memória social ou da memória discursiva dos interlocutores.

Pode haver casos de intertextualidade explícita e implícita. No primeiro, é mencionada no próprio texto a fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, resumos e resenhas, sendo esse o caso do relato de Pedro, em que ele apresenta resumos e falas dos personagens de outras histórias. No segundo, intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, como na paródia e nas ironias. Importante ressaltar que o trabalho com o intertexto é crucial para a construção do sentido. É um princípio fundamental a ser trabalhado no ensino e na aprendizagem da leitura e da escrita.

#### Para saber mais:

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARROS, Diana Luiz Passos; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

momento em que decide levar sua investigação adiante, Pedro toma o destino em suas mãos. E não desiste nem mesmo ao sofrer contratempos, como quando descobre que o namorado de sua mãe, de quem ele não sabia da existência, rouba a autoria da história que ela escreveu e acaba ganhando um prêmio de 50 mil euros. Com Pedro, seguimos a pista falsa e vivenciamos a reviravolta da história: o namorado da mãe passa de amigo e de um ex-quase futuro pai a traidor e desonesto em apenas alguns capítulos.

A história roubada, de autoria de sua mãe, é mais uma entre as muitas embrenhadas no relato de Pedro. Conta a saga de um menino do sertão do Nordeste que queria ser mergulhador. Um sonho que ele persegue por muito tempo, enfrentando todas as adversidades, até que desiste. Já velho, fraco, doente e amargurado, vai reviver seu sonho por meio de seu filho caçula, que lhe pergunta, em seu leito de morte, como se faz para ser mergulhador. Para Pedro, a vida desse protagonista é um exemplo de persistência e de afirmação da durabilidade dos sonhos, mesmo os não realizados numa só vida.

As várias histórias conversam entre si e tecem outro texto a partir das semelhanças das personagens e dos temas que abordam, ampliando o relato de Pedro e acrescentando-lhe diferentes matizes. As perdas, as buscas, mistério e suspense, e mais um herói solitário que se questiona e precisa enfrentar os obstáculos colocados pela vida, todos esses são ingredientes das histórias que Pedro nos conta, que, por sua vez, foram contadas por sua mãe, leitora voraz, professora de literatura, acostumada a espalhar seus livros por toda a casa.

Por falar em livros, uma das leituras indicadas por ela é *O estranho caso do cachorro morto* (Mark Haddon. Rio de Janeiro: Record, 2004), romance policial no qual Christopher, de 15 anos, investiga a morte de um cachorro do qual ele gostava muito. Mas a identificação maior de Pedro com essa personagem é o fato de ele também ter sido enganado sobre a morte da mãe. Para Pedro essa é uma revelação que o faz pensar em si mesmo, suas angústias e carências.

É a comparação entre as personagens, os enredos das histórias que conhece e a sua própria realidade, que o auxilia na investigação sobre a morte de sua mãe. Ele reúne os fatos numa ordem lógica, deduz o que não está posto explicitamente e vai atrás de pistas e evidências: ao final desvenda a trama e depara com um mistério maior, a própria vida.

A riqueza de *A distância das coisas* está exatamente na **intertextualidade**, nessas muitas vozes que regem a narrativa, ajudando Pedro a enfrentar e a superar a dura realidade da perda e da solidão numa etapa já tão difícil da vida, a adolescência. É preciso ressaltar que tão importante quanto o tema do livro é também a forma de abordá-lo para o público jovem. A cada ca-

**Sugestão ao professor**

Como o tema de perdas afetivas será necessariamente abordado, pode ser interessante que o professor procure saber se no grupo há casos de alunos que sofreram a perda de um ente querido ou sejam órfãos de pai e/ou mãe. Caso queira abordar o tema da perda antes de ler a história, sugerimos realizar outras leituras, pequenos textos, poemas, ou mesmo assistir a filmes, como forma de introduzir o assunto.

**Sugestões de filmes:**

1. *Minha vida de cachorro*, de Lasse Hallström. Suécia: 1985.
2. *A viagem de Chihiro*, de Hayao Miyazaki. Japão: 2003.
3. *AI. Inteligência Artificial*, de Steven Spielberg. Estados Unidos: 2001.
4. *O ano em que meus pais saíram de férias*, de Cao Hamburger. Brasil: 2006.

pítulo uma nova referência a fatos naturais e a outros textos e um novo obstáculo ou aventura a serem entendidos e enfrentados produzem outros sentidos. Para compreender um relato assim, é preciso contar com o conhecimento do leitor e com suas experiências de leitura. Muitas vezes é necessário mediar esse processo. Por isso, propor uma leitura compartilhada, tendo o professor como mediador, pode ser uma boa estratégia de motivação e aprendizagem.

**ADOLESCÊNCIA: MOMENTO DE BUSCAS****E AMADURECIMENTO**

O relato de Pedro pode ser lido também como uma grande metáfora sobre a adolescência. Este “é um tempo de transição do espaço da família para um espaço no mundo exterior: um tempo de ansiedade, receio, expectativa, do medo e da excitação em face do desconhecido” (em *A adolescência – compreendendo seu filho de 12-14 anos*. Margot Waddell. São Paulo: Imago, 1995, p. 136).

Por estar (re)descobrimo a vida e determinando seus espaços, Pedro faz muitas referências a fenômenos naturais, como o arco-íris, a neblina, a formação dos continentes, o monte Everest, os movimentos da Terra, sempre relacionando-os às atitudes humanas. Faz também alusão à cartografia e aos mapas, maneira que encontrou para mostrar seu lugar no mundo real.

Esse narrador também vai fazer comparações entre os homens e os animais domésticos, confessando seu desejo de ter um *hedghog* de estimação: uma espécie de porco-espinho, de focinho comprido, de aproximadamente 15 cm, cujo peso é inferior a meio quilo. O interesse por esse mamífero primitivo e praticamente desconhecido no Brasil faz de Pedro um especialista em *hedges* (de acordo com ele, é assim mesmo que se deve chamá-los). Nas suas descrições, encontramos vários pontos em comum entre os dois e se esclarece o motivo de sua identificação com o animal.

Aliás, identificação é uma palavra presente na vida de Pedro e de todo adolescente: uma necessidade vital de fazer-se reconhecer e ao mesmo tempo tornar-se igual a alguém ou a um grupo. Como ele mesmo afirma, logo na primeira página do livro: “Vários garotos no mundo têm catorze anos, sou apenas um deles. E se você pensar na história da humanidade, vai concluir que já existiram trilhões de garotos de catorze anos. E nenhum, olha só, nenhum deles era ou é igual a outro”.

Mas para encontrar sua identidade, esse conjunto de características e circunstâncias que distingue as pessoas e graças às quais é possível individualizá-las, Pedro precisa descobrir a verdade sobre sua mãe, discutir e refazer sua ligação com o tio e viver sua relação com Marina, companheira em todos os momentos.

## LER É FAZER ESCOLHAS E SEGUIR PISTAS

A compreensão desse livro está em entender os vários sentidos que ele propicia. É uma história que abre um leque de caminhos para o leitor atento. Como afirma o narrador, é preciso fazer escolhas e seguir pistas. “Uma das coisas chatas da vida é que você é sempre obrigado a escolher” (p. 34).

A partir do capítulo 4, o narrador faz algumas referências a memória, lembranças e esquecimentos, antecipa o que descobrirá a respeito da mãe e fornece importantes pistas ao leitor. “Eu pelo menos fingia que lembrava [do pai]. Fingir que você se lembra de alguém não é fácil [...] Ou a gente lembra ou não lembra” (p. 80).

Pois é exatamente com a perda da memória que Pedro vai deparar ao saber a verdade sobre sua mãe: depois de sofrer um acidente, ela ficou entre a vida e a morte, passou por várias cirurgias, mas ficou paraplégica e com amnésia, isto é, não se lembra de nada nem de ninguém. Os médicos se recusam a dar prognósticos, pois não acreditam que ela vá recuperar a memória. Mas Pedro tem idéias próprias a respeito da imprevisibilidade das reações da natureza. Por isso diz que “não é possível prever quando uma pessoa vai ou não se lembrar de determinada coisa” (p. 139). Depois de muita revolta, ele acaba entendendo o porquê de o tio ter escondido a verdade dele, apesar de não concordar. Por fim, Pedro afirma com grande otimismo que “um dia, mais cedo ou mais tarde, minha mãe vai se lembrar de mim” (p. 143). E essa única certeza em meio a tantas dúvidas é a última afirmação da história do garoto.

## DIALOGANDO COM OS ALUNOS

---

### ANTES DA LEITURA

Proponha aos alunos assistir ao filme *Minha vida de cachorro*, importante elemento para a construção de sentidos da história de Pedro, como uma preparação para a leitura do livro. Antes de vê-lo, é importante contextualizar o filme e comentar a importância dessa proposta para a leitura do livro. Assim, preparam-se os alunos para ver um filme diferente dos de aventura a que estão acostumados, de ritmo rápido e ação constante.

É importante fazer com que os alunos encarem a atividade como um apoio para a leitura e possam seguir um roteiro de observação, anotando fatos importantes que serão resgatados depois no livro.

Peça-lhes que observem qual o tema do filme, o nome do narrador/personagem principal, sua forma de agir, como reage em algumas situações e a mensagem que o filme pretende passar.

Pode ser interessante colocar algumas perguntas, como: “Você se identificou com alguma atitude específica do narrador/personagem principal ou alguma situação por que ele passa?”, “O que você acha da maneira como ele reage ao que lhe acontece?”.

Depois de ver o filme, os alunos podem discutir em pequenos grupos ou duplas, trocando as informações que anotaram e as impressões que ficaram da obra.

## DURANTE A LEITURA

Para construir sentidos durante a leitura, é interessante levar os alunos a perceber e explicitar que o autor constrói a narrativa a partir de comentários do narrador/personagem de outras histórias. Os alunos podem registrar no caderno (como um diário de leitura) os assuntos abordados, tanto os de geografia e ciências como os variados temas e notícias sobre questões da atualidade que ele comenta. Vale perguntar qual a diferença entre ler sobre esses assuntos em um jornal ou revista especializada, ou mesmo em uma enciclopédia ou livros didáticos, e nesse contexto da literatura. Qual seria a estratégia ou intenção do autor? Qual efeito de sentido ou de sentidos essa forma de contar uma história produz?

Para potencializar o interesse dos alunos no livro, pode ser interessante conversar com eles sobre o romance policial e fazer um levantamento do que sabem desse gênero literário: o que conhecem, autores, títulos, características. Se achar necessário trabalhar o gênero com eles, para dar subsídios à compreensão da estrutura da narrativa do livro, faça um paralelo entre a investigação de Pedro e as dos personagens detetives que eles conhecem (por exemplo, Sherlock Holmes). Pode-se também chamar a atenção para a narrativa de enigma e apontar as características desse gênero presentes no livro, registrando-as.

## DEPOIS DA LEITURA

O tema do livro pode gerar um debate, trazendo um bom instrumento para o ensino e a aprendizagem da argumentação. Pedro foi enganado por seu tio, que não lhe revelou a verdade sobre as conseqüências do acidente de carro de sua mãe. De início, pode-se colocar a pergunta: o tio de Pedro agiu corretamente ao dizer que a mãe dele havia morrido, enganando-o para aliviar seu sofrimento? Aqui, estimule os alunos a elaborar, com afirmações, fatos e exemplos, uma argumentação convincente, para defendê-lo ou não. É interessante criar com eles alguns critérios de avaliação e pedir que anotem seus argumentos. No dia do debate, eles podem revezar-se nos papéis de advogado de defesa, de acusação, de juiz e de júri. E quem estiver no júri pode ainda avaliar a argumentação dos advogados.

Outra proposta é criar, a partir do livro, uma narrativa de enigma nos mesmos moldes, misturando-a a um relato autobiográfico. Pode-se pedir que os alunos elaborem um roteiro e que usem o recurso da intertextualidade para construir a narrativa.

---

ELABORAÇÃO DO GUIA SILVIA ALBERT – PROFESSORA DE PORTUGUÊS DO COLÉGIO OSWALD ANDRADE-CARAVELAS, MESTRE PELA PUC-SP, NA ÁREA DE LEITURA, ESCRITA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA; PREPARAÇÃO RODRIGO VILLELA; REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA E MÁRCIA MENIN